

A ficcionalização da realidade e a realização do fictício na antinarrativa de Giorgio Manganelli

Prof. Dr. Claudemir Francisco Alves¹

Resumo:

Tomando como referência a concepção iseriana da transgressão de fronteiras entre o real, o fictício e o imaginário, este ensaio analisa o modo como alguns gêneros literários manganellianos se situam numa instável fronteira entre a referencialidade e a auto-reflexividade. Analisa-se, em especial, o corsivo manganelliano, que se assemelha à crônica, mas trata os fatos do cotidiano segundo as regras dos jogos lingüísticos. Explorando a convivência de distintos possíveis do real, os corsivi postulam que mesmo a experiência cotidiana evidencia uma luta com os princípios lógico-ontológicos que a regulam.

Palavras-chave: metafísica negativa, antinarratividade, literatura italiana, Giorgio Manganelli.

Introdução

A publicação de *Hilarotragoedia* (1964), *La letteratura come menzogna* (1967) e *Nuovo commento* (1969) marca o início de um período de intensa produtividade que justifica a autodefinição de Giorgio Manganelli (1922-1990) como “grafômano”. Ao longo de aproximadamente quatro décadas, são publicados 1.727 textos de diferentes gêneros, entre os quais o teatro, as conversações radiofônicas, os relatos de viagem, a crítica de arte e de literatura.

A peculiaridade da obra de Manganelli se deve ao uso de estratégias de construção textual pelas quais a narrativa é meticulosamente eludida e seu lugar ocupado por dispersões narrativas. Com o conceito de dispersão narrativa, designamos concisamente os diversos gêneros manganellianos caracterizados por uma sintaxe em que predominam as aposições de imagens ao invés da reflexão hipotaticamente ordenada. A marcada presença da metalinguagem – e de inúmeras outras estratégias que mais ocultam do que revelam seu objeto – faz desses livros um discurso sobre a impossibilidade da narrativa.

É postulada como igualmente impossível qualquer realidade que se pretenda paradigmática e independente dos jogos lingüísticos que a constituem. Negando a precedência das coisas sobre as palavras, faz-se uma clara opção pelo fronteiroço, pelo estado intermediário, por aquilo que não tem estatuto pragmático de verdade ou de realidade. A idiossincrasia da metafísica manganelliana se deve ao fato de não fundar-se sobre o ato de ser, mas sobre os possíveis do ser. O real passa a ser considerado como essencialmente múltiplo, instável e impossível de ser contido nos estreitos limites dentro dos quais a racionalidade pode funcionar. Isso explica o predomínio de figuras como o oxímoro ou o *adunaton*. Esta última, na literatura manganelliana, se apresenta como uma espécie de hipérbole que revela, por meio do exagero, da reiteração e da repetição em diferença, os múltiplos aspectos de um mesmo fato ou objeto. Esses são os meios adotados para expor as contradições, a inconsistência, a impossibilidade (*adunaton*) daquilo que, no cotidiano, por razões pragmáticas, é tratado acriticamente como realidade. Daí o caráter eversivo e transgressor de que se reveste a proposta manganelliana da literatura como mentira, como cerimônia e encenação.

Metafísica negativa e antinarrativa são os conceitos que propusemos, em nossa análise da obra de Manganelli, para compreender esses procedimentos literários e filosóficos (ALVES, 2008).

Essa dualidade heurística não impede de perceber a irremediável integração de ambos os aspectos nos textos manganellianos. A expressão metafísica negativa designa o fato de que o nada e o vazio, constantemente tematizados, formam um centro de pregnância e tendem a desempenhar o papel gerativo que o ser desempenha na metafísica tradicional.

Ocupamo-nos, neste texto, de um conjunto de obras de menor extensão que, na produção manganelliana, se constitui numa zona de indefinição entre a literatura e o jornalismo. No entanto, mesmo os textos mais fortemente referenciais guardam estreita relação com os princípios que sustentam a concepção manganelliana de linguagem e de literatura. Paradoxalmente, esses textos (em princípio) jornalísticos não se desvinculam da visão performática do texto literário na qual, segundo Manganelli, dever-se-ia supor implicada uma recusa a quaisquer finalidades exteriores ao jogo do texto, sejam elas sociais, pedagógicas ou políticas.

O caráter centrífugo de formas textuais estreitamente vinculadas às circunstâncias de sua própria produção pareceria, de partida, inconciliável com as formulações de base na literatura manganelliana. Contudo, para Manganelli, as referências que entram na composição de um texto não são retratos, mas recortes que, como num mosaico, só assumem o aspecto de uma figura mediante a participação do leitor. Efetivamente, no gênero discutidos a seguir, os limites que circunscrevem o modo de operação em cada texto, e a maneira como os temas são escolhidos e abordados são contaminados pela metafísica negativa, e não é raro que apresentem procedimentos tipicamente antinarrativos. Além disso, mesmo sendo possível reconhecer, nesses textos manganellianos, um certo gênero dominante, freqüentemente constatam-se a sua simultânea inversão parodística e a convivência com elementos próprios de outros gêneros.

O caráter fronteiro desses textos contribui para pôr em perspectiva a maneira sempre problemática com que a referencialidade é tratada na obra de Manganelli. O *corsivo* que, a seguir, é discutido, é um tipo de texto que pode ser considerado jornalístico por sua forma, por sua função e pela finalidade que tinha ao ser produzido. Deseja-se, no entanto, perceber a maneira como ele conduz a uma impossibilidade de polarização entre o real e o ficcional, não obstante as inegáveis referências às contingências que o cercam.

1 Nada inventado, tudo capciosamente real

O *corsivo*, uma forma textual comum no jornalismo italiano, se caracteriza pela brevidade e pela diversificação temática. O termo que o designa é derivado dos tipos, em itálico, com que originalmente era impresso. Aproxima-se da crônica pela cáustica e espirituosa reflexão sobre a política, a sociedade e os mais triviais costumes. Nas mãos de Manganelli, acentua-se o caráter oblíquo desse gênero que tende progressivamente para uma ficcionalização contaminada com os princípios da metafísica negativa. Os fatos do cotidiano são tratados como se fossem jogos lingüísticos e não é raro que, sem prejuízo de uma certa referencialidade, os *corsivi* tangenciem a antinarrativa.

Manganelli publicou duas coletâneas de *corsivi*: *Lunario dell'orfano sannita*, em 1973, e *Improvvisi per macchina da scrivere*, em 1989, além de outros volumes, organizados postumamente, como o recente *Mammifero italiano* (2007). Nas duas primeiras obras, o critério de disposição dos *corsivi* é, fundamentalmente, cronológico. Das circunstâncias de sua produção e publicação original não há notícias junto aos textos, exceto as sumárias informações que aparecem em breves notas perigráficas. Os *corsivi* que compõem o *Lunario*, datados entre 1967 e 1973, são reunidos em blocos, segundo os periódicos em que haviam sido originalmente publicados. Estrutura semelhante serve à organização dos *Improvvisi*, os quais cobrem o arco de 1973 a 1988. Longe de ser uma mera curiosidade editorial, essa ausência de indicações mais precisas chama a atenção por gerar um efeito de atemporalidade.

Há, nisso, um contra-senso, pois o *corsivo* é, por definição, um texto datado, escrito em face de um aspecto qualquer do cotidiano. Reunidos em coletâneas, esses textos perdem tal determina-

ção. O leitor atual não está necessariamente vinculado às condições daquele que recebia o *corsivo* no jornal e que, presumivelmente, participava, em alguma medida, das mesmas contingências do autor. Inúmeras referências no texto fazem crer que havia um horizonte de significação específico sobre o qual a leitura devia se projetar. Entretanto, tal horizonte se modificou e, agora, a referencialidade é pressentida, mas nem sempre determinável. As condições atuais da recepção desses *corsivi* exigem do leitor uma atitude idêntica àquela requerida por um texto ficcional. Os elementos factuais agenciados se tornam imagens com expandida potencialidade de conotações. Em razão disso, seria razoável perceber essas coletâneas como uma ratificação da teoria manganelliana que compreende o texto como uma operação submetida apenas às leis, imanentes e inderrogáveis, do próprio jogo da linguagem.

Nos *Improvvisi*, o efeito de atemporalidade se acentua pelo suceder-se de trechos não titulados, separados apenas por um maior espaçamento gráfico e pela mudança de assunto. Não há continuidade e sequer relação necessária entre um *improvviso* e outro. Embora, como dito acima, esse seja um efeito das coletâneas, impossível de ser produzido pelos *corsivi* quando publicados um a um, cristaliza-se a idéia do texto como espaço segmentado, expressa com a metáfora do espelho: “*ciò che accade nello specchio non ha sèguito; una storia non può continuare in un altro specchio*”¹ (MANGANELLI, 1982, p.48). Esse estilhamento leva a suspeitar de que, para além das contingências recepcionais, há algo intencionado na própria configuração textual dos *corsivi*, que lhes confere uma transitividade entre a determinação dos fatos a que se referem e sua atualização em novos sentidos.

São textos que inspiram o reconhecimento de algo aparentemente familiar, ao mesmo tempo em que se presente o estranho. Já a imagem que dá título à primeira coletânea condensa uma idiosincrasia da voz que alinhava cada texto, geralmente em primeira pessoa. O termo *lunario* [almanaque] aponta para a diversidade de temas abordados, sem unidade aparente; a metáfora do órfão sannita explicita a desorientação dessa espécie de narrador diante de cada assunto: o estranhamento, a solidão (se não o solipsismo) do último órfão de um império que já não existe mais. A figura do sannita – povo subsumido pelos romanos na disputa por um mesmo território – revela a situação de alguém que se tornou estrangeiro em sua própria terra: uma “*condizione d'italiano espatriato attiva il complesso dell'orfano sannita, un che di sventurato e diffidente, di irto e rusticamente astuto*”² (MANGANELLI, 1991, p.78). Deixa-se entrever, nesses textos, uma importante figura da teoria literária manganelliana: o narrador como uma espécie de *fool*, que constitui seu discurso vagueando entre um e outro argumentos (Cf. ALVES, 2008).

Os *corsivi* não são homogêneos quanto aos procedimentos empregados. Nem todos apresentam notáveis inovações formais ou temáticas. Aliás, eles mantêm, à primeira vista, as características de um texto jornalístico e não se pode excluir a possibilidade de que um leitor pare na “ilusão referencial” (STIERLE, 2002) criada por um texto que tem, num fato do cotidiano, o seu ponto de partida. Pode-se até mesmo dizer que os *corsivi* contam com uma primeira abordagem “quase pragmática” (STIERLE, 2002). É comum que, como numa crônica, o primeiro parágrafo do texto se encarregue de trazer dados ou fatos à presença do leitor. Em seguida, porém, por meio de uma brusca mudança de direção do discurso, frustram-se as expectativas criadas: a linguagem descritiva e factual é repentinamente desviada pela ironia e pelo sarcasmo com que se faz a exposição de um particular, a aposição de outro argumento ou a súbita mudança do ponto de vista. O leitor se vê diante do inusitado, ao qual é conduzido com uma tal coerência lógica que mesmo a inserção de um ingrediente absurdo naquele contexto parece ser um desdobramento necessário do fato inicialmente exposto.

¹ “o que acontece no espelho não tem seguimento; uma história não pode continuar em um outro espelho”.

² “a condição de italiano expatriado ativa o complexo do órfão sannita, um quê de desventurado e desconfiado, de hirto e rusticamente astuto.”

A escolha dos argumentos a serem tratados também opera um papel importante. Às vezes, são tomados fatos do cotidiano que carregam uma ressonância cômica e irônica, próxima do *nonsense*. Poderiam ser uma invenção tipicamente manganelliana, se não fossem acontecimentos históricos. É o caso do *corsivo* que comenta a celebração do acordo coletivo de trabalho entre sacristãos e seus empregadores, depois de vinte anos de negociação (MANGANELLI, 1989, p.111). Em um outro, narra-se:

*sollecitati dai contadini affranti dall'arsura, un gruppo di maghi ha eseguito riti idonei a chiamare la pioggia riluttante; hanno invocato potenze – se ne leggono anche i nomi, tra i quali un patetico Epaminonda che sembra uscito dal soffitto di un liceo classico di provincia – e la pioggia è venuta; una pioggia da numi, diavoli, demoni e folletti, che ha fatto straripare i torrenti e franare le terre consunte dalla siccità. Ma insomma, quanto a piovere, è proprio piovuto.*³
(MANGANELLI, 1989, p.69)

Não causaria nenhuma surpresa se, ao invés de serem *corsivi*, argumentos como esses tivessem sido objeto de uma centúria, outro dos gêneros manganellianos, apresentado abaixo, que se caracteriza pela livre criação de situações e personagens imaginários, paradoxais. Outras vezes, são escolhidos os fatos mais irrelevantes e triviais como a ida ao cinema, um feriado, um jogo de futebol. A banalidade do tema se contrapõe ao rigor ostentado, como numa encenação levada a sério, na qual revelam-se pontos de vista inusitados e enfileiram-se hipóteses, subitamente colocadas em xeque após terem sido apodicticamente demonstradas.

Contudo, não têm menor importância os laços que unem esses textos aos eventos em razão dos quais eles são escritos. Em seu posfácio ao *Mammifero italiano*, Belpoliti (2007, p.135) chega a falar de uma “sociologia italiana *sub specie aeternitatis*”, embora ele se apresse a destacar as “invenções fantásticas” com que, em Manganelli, o sentido comum de um fato é deslocado para dar espaço a outros sentidos. Contudo, quando Belpoliti (2006) trata de explicitar seu ponto de vista, acaba por fazer uma descrição do modo como a “sociologia” ou a “psicologia social” de Manganelli é uma dissolução de si mesma. Para superar o impasse de uma tal descrição em negativo, é necessário considerar que a leitura que Manganelli faz da sociedade do seu tempo é incompreensível a menos que se tome a concepção de literatura e de linguagem que ele tem como ponto de partida. De outro modo, há o risco de se devolver a oposição entre literatura e vida – um modelo bipolar que a teoria manganelliana pretende evitar.

A referencialidade dos *corsivi* e de outros textos jornalísticos tem aberto, mais recentemente, uma linha de crítica que parece comemorar a possibilidade de resgatar, por meio dessas obras, um Manganelli menos impenetrável. A nota editorial da revista *Riga* parece mostrar essa orientação recepcional:

[...] per molto tempo il Manga [...] è stato considerato “solo” un funambolo della letteratura, l’architetto di libri manieristi e saggi controcorrente, il guastatore della retorica e del paradosso, il provocatorio officiante – insomma – della “letteratura come menzogna”. Oggi a questa immagine si sente il bisogno di affiancarne una non meno vera: quella d’un Manganelli attento alla società e alla politica, instancabile fucina di corsivi, recensioni, articoli di cronaca. Un Manganelli giornalista e viaggiatore, che coglie in modo immediato e prensile il

³ “solicitados por agricultores extenuados pelo calor ardente, um grupo de magos executou ritos idôneos para chamar a relutante chuva; invocaram potências – lêem-se até mesmo os nomes, entre os quais um patético Epaminondas que parece ter saído do porão de um provinciano liceu clássico – e a chuva veio; uma chuva dos numes, diabos, demônios e duendes, que fez transbordar as torrentes e deslizar as terras consumidas pela seca. Mas, enfim, chover, choveu.”

*senso dell'epoca, ma che nel medesimo tempo scandaglia in profondità la psiche italiana, il suo paesaggio mentale.*⁴ (BEPOLITI & CORTELESSA, 2006, p.4-5)

Apesar de pertinentes, essas constatações não equacionam a diversidade da produção manganelliana. Ao contrário, vislumbra-se, nessa sociologia problemática, uma certa perplexidade diante das diferentes modalidades de texto manganellianas, não percebidas como desdobramentos de uma mesma concepção filosófica e literária. Ao introduzir uma partição que tende a valorizar excessivamente a diferença entre os *corsivi* e as antinarrativas, perde-se a especificidade do jogo manganelliano que é a mesma nos diferentes gêneros: a problematização da evidência do real através da explicitação das regras – tão arbitrárias quanto inderrogáveis – da linguagem que o constitui. Além disso, tal fracionamento no *corpus* manganelliano parece ser devido à percepção da auto-reflexividade da linguagem – traço fundamental das antinarrativas – como sinônimo de auto-referencialidade. Pode-se dizer que os textos manganellianos nunca são auto-referenciais, dada a multiplicidade de temas abordados e, até mesmo, a fixação de Manganelli com alguns assuntos, como o sagrado, a psicanálise, a morte, o amor. Contudo, esses temas são transformados em imagens inexatas de si mesmos e, integrando o jogo auto-reflexivo do texto, adquirem o halo de significações e de não-significações, típico daquilo que Manganelli designa como palavras-sombra.

Não é, portanto, pela menor presença do referente nas antinarrativas que se explica a inegável diferença entre estas e as formas jornalísticas de Manganelli. De modo bem mais sutil, tal diversidade se deve à distinta intencionalidade e intensidade da irrealização dos fatos em ambos os gêneros. O principal desafio que essa constatação apresenta é o de compreender tal diferença. Efetivamente, em total coerência com os princípios da metafísica negativa, em toda a literatura manganelliana explicitam-se os aspectos de irrealidade presentes no próprio real, isto é, as contradições e lacunas que, por razões pragmáticas, são desprezadas nos processos de redução imprescindíveis ao funcionamento da lógica racional. Os *corsivi* são ambíguos porque, ao mesmo tempo, referem e deslocam os fatos para dar espaço a outros sentidos. O próprio Manganelli aborda essa ardilosa trama dos *corsivi*:

*Questi corsivi non vogliono essere dei piccoli commenti alla realtà. Anzi, direi che personalmente non possiedo alcun particolare titolo per occuparmi della cosiddetta realtà. D'altro canto, mi pare che questo Paese sia sufficientemente fecondo nel produrre irrealità. Anzi, diciamo pure, l'Italia è una contrada sostanzialmente irreal. [...] Vede, in queste pagine, non c'è nulla di inventato. È tutto capziosamente reale.*⁵ (MANGANELLI, 2001a, p.212)

Fatos, costumes e lugares são tratados como sinais passíveis de serem recortados e agenciados de modo a produzir novos efeitos retóricos, conservando, porém, um caráter de realidade mais ou menos difuso. Esses textos manganellianos produzem estranhamento por levarem o leitor à fronteira entre real e fantástico, permanecendo no interstício da descrição objetiva e da invenção fantasiosa. Trata-se dos mesmos procedimentos empregados por Manganelli na leitura paralela de textos literários: uma cidade ou um acontecimento são **lidos** como tessitura de sinais e vazios por entre os quais o *corsivista* se insinua. De objetos inusitados, formam-se metáforas retomadas sob pontos de vista concorrentes que mostram a convivência de aspectos conflitantes. Sugestivas imagens se formam

⁴ “[...] por muito tempo o Manga [...] foi considerado “só” um funâmbulo da literatura, o arquitetador de livros maneiristas e ensaios à contracorrente, o devastador da retórica e do paradoxo, o oficiante provocador, em suma, da “literatura como mentira”. Sente-se, hoje, a necessidade de pôr, ao lado dessa, uma imagem não menos verdadeira: a de um Manganelli atento à sociedade e à política, incansável forja de *corsivi*, resenhas e artigos sobre o cotidiano. Um Manganelli jornalista e viajante que colhe, de modo imediato e agudo, o sentido da época, mas que, ao mesmo tempo, sonda em profundidade a psique italiana, a sua paisagem mental.”

⁵ “Estes *corsivi* não pretendem ser pequenos comentários à realidade. Antes, diria que, pessoalmente, não possuo algum título particular para ocupar-me da assim chamada realidade. Por outro lado, parece-me que este País seja suficientemente fecundo em produzir irrealidade. Mais ainda, digamos mesmo, a Itália é substancialmente irreal. [...] Veja, nestas páginas, não há nada de inventado. É tudo capziosamente real.”

pelas séries de hipóteses, numerosas e improváveis, que simulam explicar, mas resultam em maior complicação. É comum também a junção de dados impertinentes, que criam uma sutil estranheza e um humor apenas pressentido.

Chama a atenção, nos *corsivi*, a confusão intencional do narrador com o autor empírico. Algumas situações relatadas são, sabidamente, experiências vivenciadas por Manganelli. Ao serem convertidas em texto, porém, tira-se proveito dessa ostentada coincidência dos dois papéis, recriando e transformando ambos, autor e narrador, em partes do próprio mecanismo em ação no texto. O leitor é enredado por um jogo no qual já não se podem separar o fantasioso e o dado factual, agora ficcionalmente constituído. O aparato crítico literário oferece a terminologia para tratar do cotidiano, explicitando semelhanças, fazendo associações, por vezes, improváveis, mas eficazes na produção de efeitos retóricos. Lapsos e enganos publicados nos jornais servem para dar destaque às “sombras das palavras”, com seus significados marginais ou acidentais.

A obliteração dos limites entre o literário e a realidade da experiência é transformada em método criativo: “*non trascuriamo le belle notizie minime, che tentano di fare di un giornale un romanzo, una favola di Esopo, un frammentato racconto di fantascienza*”⁶ (MANGANELLI, 1989, p. 42). Em outro momento, Manganelli diz que a estupidez e a vulgaridade do cotidiano são “*semi di racconti e di favolette*” e que “*anche la politica è una fonte di microracconti, anche di microburle*”⁷ (MANGANELLI, 2001a, p. 209-210). São afirmações que expõem a natureza limítrofe dessa literatura de Manganelli, a qual projeta o leitor numa região em que o real e o imaginário são igualmente difusos.

2 A transgressão de fronteiras

Os *corsivi* se distinguem das antinarrativas pela menor complexidade formal. Explicitam menos intensamente o caráter relacional e instável de seu objeto e agem menos eversivamente sobre as funções constitutivas da narrativa (o narrador, o autor, o leitor, a linguagem). No entanto, é notável que sua força imagética deve algo à metafísica negativa. São textos que ostentam uma referencialidade obnubilada por jogos textuais que surtem efeitos de indeterminação e explicitam as cesuras das experiências cotidianas. No *corsivo*, agenciam-se elementos extratextuais, tratados como fatos de linguagem. É essa característica que dá a esse gênero um caráter transicional: é uma peça jornalística cuja referencialidade é desviada, em grande medida, pela auto-reflexividade de sua própria linguagem. Para Manganelli, isso é indicativo de uma correlação entre os *corsivi* e a literatura como mentira, e é uma maneira de evidenciar a ficcionalidade ínsita à realidade da experiência: “*la cosiddetta realtà è piena di impliciti racconti di cui noi siamo i critici*”⁸ (MANGANELLI, 2001a, p.210).

Consoante aos princípios da metafísica negativa, a realidade, nos *corsivi*, é tratada como um múltiplo irreduzível. Cada texto se esmera em evidenciar leituras do real, possíveis e divergentes, que, sob a normalidade dos fatos cotidianos, tendem a passar despercebidas. Assim, situações corriqueiras são combinadas e extrapoladas por meio da atenuação dos vínculos que tinham em seu contexto, possibilitando novas determinações e obliterando as anteriores. Potencializam-se semanticamente os fatos narrados, pondo em evidência conotações inicialmente não previstas. Trata-se, no entanto, de procedimentos diversos daqueles empregados nas antinarrativas. Nestas, sobressai a plurivocidade do real, de maneira a criar o excesso e a acentuar a convivência radical de aspectos contraditórios; nos *corsivi*, isso se faz bem mais sutilmente, por meio de um estrabismo metódico em razão do qual se indica, mas não se completa a transposição do real para o universo das infinitas combinações da linguagem. Nas antinarrativas, o caráter familiar dos objetos e temas apresentados é irreparavelmente pervertido; nos *corsivi*, continua-se a discutir um fato do cotidiano, mas instabi-

⁶ “não descuidemos das belas notícias mínimas que tentam fazer, de um jornal, um romance, uma fábula de Esopo, um fragmentado conto de ficção científica.”

⁷ “sementes de contos e pequenas fábulas” e que “mesmo a política é fonte de microcontos, de microburles”

⁸ “a tal realidade é cheia de contos implícitos, dos quais nós somos os críticos.”

lizado pela aparentemente desprezível oposição de um novo argumento, pela iluminação de um particular ou pela explicitação de uma relação capaz de gerar desequilíbrio e estranheza.

O efeito irônico do texto se deve ao fato de que qualquer afirmação pode ser feita também pelo seu inverso, já que não se pressupõe a necessidade de comprovar a legitimidade de um enunciado pelo recurso ao mundo da experiência. A partir dessas inversões, novas hipóteses podem ser aventadas de modo a dar visibilidade a outros possíveis significados. Em alguns casos, um discurso rigoroso e logicamente formulado acaba por tornar patente a inconsistência do argumento defendido. São procedimentos retóricos que insinuam, mesmo nas coisas mais triviais, a contradição à racionalidade que, sendo puramente lógica, pretende uma legitimação ontológica.

O ato de combinar exposição e ocultamento do objeto mantém o *corsivo* numa estreita faixa de indefinição entre a invenção narrativa e a referencialidade. Trata-se de um jogo que não se resolve por uma oposição pura e simples entre realidade e ficção. O pressuposto teórico de que não há realidade senão como linguagem encontra nos *corsivi* uma de suas principais concretizações e sugere uma proximidade conceitual com a idéia de “transgressão de fronteiras”, com que Wolfgang Iser formula a relação entre real, fictício e imaginário.

A primeira contribuição de Iser é a percepção da complexidade da relação entre real e fictício e a recusa de modelos duais. O texto ficcional contém, mas não se reduz a uma descrição de elementos do real; o ficcional não possui sua finalidade em si mesmo, mas, “enquanto fingido”, concretiza um imaginário que, de outro modo, permaneceria como um difuso campo de possíveis. A literatura passa a ser entendida como resultante da inter-relação entre esses pólos, que só podem ser definidos pela recíproca referência aos outros dois:

Se o texto ficcional se refere portanto à realidade sem se esgotar nesta referência, então a repetição é um ato de fingir, pelo qual aparecem finalidades que não pertencem à realidade repetida. Se o fingir não pode ser deduzido da realidade repetida, nele então emerge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto. Assim, o ato de fingir ganha a sua marca própria, que é de provocar a repetição, no texto, da realidade, atribuindo, por meio desta repetição, uma configuração ao imaginário, pela qual a realidade se transforma em signo e o imaginário em efeito (*Vorstellbarkeit*) do que é assim referido. (ISER, 1996, p.14)

Ao considerar a relação de cada um dos conceitos com os demais como “ato de fingir”, Iser reafirma o caráter dinâmico e performático da literatura, já que esses termos são compreendidos não por uma fixidez identitária, mas em sua operatividade. Fictício e imaginário são tratados como “fenômenos” cujo “fundamento escapa à apreensão cognitiva” e dos quais se podem alcançar apenas “determinações diferenciais, à medida que cada um se torna contexto para o outro” (ISER, 1996, p.11). Essa triadização retira a questão do âmbito da ontologia e refuta a definição comum do ficcional como aquilo que é negação do real. O fictício é “compreendido como um ato intencional, afim de que acentuando o seu ‘caráter de ato’, nos afastemos de seu caráter, dificilmente determinável, de ser” (ISER, 1996, p.34). Do mesmo modo, a noção de imaginário busca circunscrever as maneiras como este se manifesta e opera; trata-se, como afirma Iser, de um programa que visa a “descobrir como funciona”, mais do que de uma tentativa de determinação de identidade.

Na concepção de Iser, a literatura é, pois, uma “articulação organizada do fictício e do imaginário” (ISER, 1996, p.11), posta em ação por meio dos atos de fingir. Estes constituem transgressões dos limites entre o real, o fictício e o imaginário, pois, ao ser repetida no texto, a realidade perde seu caráter de determinação. Numa direção contrária, o imaginário, que se caracteriza por ser “difuso, informe, fluido e sem um objeto de referência” (ISER, 1996, p.14), adquire, por meio da configuração textual, uma determinação, um atributo de realidade. O ato de fingir se mostra como a irrealização da realidade e a realização do imaginário.

Os atos de fingir são funções que fazem, no texto ficcional, a “mediação” do real e do imaginário por meio da transgressão de seus limites. Na definição apresentada por Iser, o texto literário, “como produto de um autor”, é “uma forma determinada de acesso ao mundo”, mas que “não está dada de antemão pelo mundo a que o autor se refere” (ISER, 1996, p.16). Portanto, o real é inserido no texto, não pela imitação das suas estruturas de organização, mas por sua “decomposição”. Assim, o primeiro ato de fingir consiste na “seleção” dos “sistemas contextuais preexistentes, sejam eles de natureza sócio-cultural ou mesmo literária” (ISER, 1996, p.16). Desvinculados de sua “estruturação semântica”, os elementos do real têm seus limites originais “transgredidos” ao serem integrados num novo texto. O ato de seleção é um ato de fingir porque, ao mesmo tempo em que “constitui os campos de referência do texto como sistemas contextuais de contornos nítidos e diferenciáveis” (ISER, 1996, p.17-18), suprime as articulações precedentes e complementa os elementos escolhidos com uma nova articulação. O real, no texto, não repete as mesmas estruturas significantes que tinha antes de ser selecionado e decomposto: “a seleção retira-os desta identificação e os converte em objeto da percepção” (ISER, 1996, p.17). O texto só pode dar a conhecer os seus campos de referência na medida em que os transgride.

Em particular, essa seleção produz um efeito que pode explicar a sensação de que certos *corsivi* manganellianos parecem comportar alusões sutis, temas apenas evocados, numa espécie de presença em negativo. Iser afirma existir um “campo de referência” que se forma tanto por aquilo que é atualizado pelo texto, quanto pelo que permanece inativo. Cria-se uma relação transicional de fundo e figura, pela qual presenças e ausências se tornam perceptíveis e potencialmente significativas:

[...] os elementos presentes no texto são reforçados pelos que se ausentaram. Assim o elemento escolhido alcança uma posição perspectivística, que possibilita uma avaliação do que está presente no texto pelo que dele se ausenta. [...] E assim o mundo presente no texto é apontado pelo que se ausenta e o que se ausenta pode ser assinalado por esta presença. (ISER, 1996, p.17)

Essa relação transicional é possibilitada pelo segundo ato de fingir, definido por Iser. Pela “combinação” se criam relacionamentos intratextuais, atribuindo novos sentidos aos elementos selecionados. Cria-se uma ambigüidade sempre presente entre as determinações precedentes ao texto e aquelas dele resultantes. Essa oscilação provoca um “espectro semântico” que não pode ser conduzido a nenhum dos dois campos.

A ruptura de significados lexicais e a violação de espaços semânticos explicam um certo estado de suspensão intencionado nos *corsivi*. A intenção do texto, entendida no sentido que Iser atribui a esse termo, não é algo que se explica pelo recurso à psicologia ou à consciência do autor, mas uma qualidade que se manifesta na “seletividade do texto face a seus sistemas contextuais” (ISER, 1996, p.18). Assim, pode-se falar de uma intencionalidade que assiste nos *corsivi* manganellianos e que se pode aferir pela maneira como os fatos do cotidiano são referidos figurativamente. Esses textos são construídos de um modo similar às alegorias, mas subitamente delas se distanciam por frustrarem tentativas de identificar uma significação linear e coerente. Em muitos *corsivi*, as alusões não fecham seu círculo semântico em um significado definitivo; cria-se a abertura para que emerjam significados alternativos, mas nenhum deles é indicado como eficaz para encerrar o jogo semântico. Nesse sentido, os “espectros semânticos” que formam o horizonte de significação parecem coincidir com a idéia manganelliana da “palavra-sombra”, na medida em que essas expressões apontam para a inexatidão e a simultaneidade de múltiplos significados. Um sentido, sempre relacional e instável, resulta de contínuos rearranjos.

Ao mesmo tempo, as duas expressões destacadas são, potencialmente, incompatíveis. Mostra-se, no texto de Iser, uma desconfiança frente a concepções que consideram o fictício como mentira ou embuste – como é o caso de Manganelli – por ver aí uma oposição meramente dual com o real, como se o fictício fosse tomado apenas como o não-real, “como conceito antagônico a outra coisa, que antes esconde do que revela a sua peculiaridade” (ISER, 1996, p.34). Iser elimina esse risco de

um dualismo simplista mediante a análise dos complexos mecanismos que entram em jogo, desde a produção até a recepção, em uma obra literária. O conceito de literatura como mentira é recusado em razão de um ontologismo implícito nessa concepção que, segundo Iser, julga saber, previamente, o que são o real e o ficcional, mas mostra-se incapaz de penetrar as intrincadas relações que se estabelecem entre eles.

No entanto, a noção de “ato de fingir” não chega a ser uma completa recusa dos pressupostos da literatura como mentira. Esse fato se demonstra na própria definição do ato de seleção. Iser afirma que “uma realidade de todo reconhecível” retorna ao texto ficcional, posta “sob o signo do fingimento” (ISER, 1996, p.24). Tal afirmação reaproxima Iser e Manganelli. O termo *finzionale*, na literatura manganelliana, engloba o caráter performático e dinâmico da concepção iseriana descrita acima, e pode ser compreendido como fingimento, simulação, mentira, falsidade, trapaça, invenção, brincadeira. Lidando com a polissemia dessa palavra, Manganelli (tanto quanto Iser) concebe a literatura como um ato pelo qual se impõe uma forma à realidade, tornando-a inteligível ao criar esquemas que orientem a ação do leitor na atualização dos inúmeros possíveis do texto.

Por outro lado, pode-se constatar, como distinção fundamental entre Manganelli e Iser, o fato de que as características com que Iser descreve o imaginário são, na obra de Manganelli, atributos da própria realidade. Isso não devolve a teoria manganelliana ao binarismo da oposição entre real e ficcional, pois o real é entendido como difuso e portador das mesmas indeterminações do conceito iseriano de imaginário. O texto ficcional, menos comprometido com o pragmatismo cotidiano que reduz a amplitude semântica, se torna o espaço da multiplicidade e da auto-reflexão da linguagem.

3 Conclusão

Explorando a convivência de distintos possíveis do real, os *corsivi* apostam no fato de que mesmo a experiência cotidiana evidencia uma luta com os princípios lógico-ontológicos que a regulam. No entanto, por mais referencial que um texto possa parecer, a literatura de Manganelli é indissociável de um processo de autodemolição que põe no centro o vazio e faz da linguagem um sistema de negação de si mesma. Não se dissocia, igualmente, da problematização do referente, explorando a ambigüidade das palavras como empecilho à comunicação. Trata-se de uma literatura que se constitui pela derrisão de si mesma; como discurso do *fool*, já mencionado acima, “*niente di quel che dice ha senso, niente va trattato come se ne fosse privo*”⁹ (MANGANELLI, 1982. Orelha).

Essa ambigüidade do uso ao mesmo tempo naturalizante e transgressivo de dados e fatos não pode ser desconsiderada. Na ação transgressiva dos *corsivi*, ecoa a afirmação de que um lugar, um “aqui” resulta sempre de construções da linguagem. Isso equivale a dizer que não ocorre apreensão do real sem que intervenha criativamente o sujeito. Mesmo em formas limítrofes, como os *corsivi*, em que a referencialidade jornalística é ainda obrigatória, a realidade é transgredida e potencializada de modo a produzir valores semânticos diversos. O real e o imaginário se tornam reciprocamente conversíveis, equivalentes e, às vezes, coincidentes.

Referências Bibliográficas

- [1] ALVES, Claudemir Francisco. *Antinarratividade e metafísica negativa na obra crítica e literária de Giorgio Manganelli*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras - UFMG, 2008. (Tese de Doutorado)

⁹ “nada do que diz tem sentido, nada deve ser tratado como se fosse privado de sentido”.

- [2] BÉLPOLITI, Marco. Mamma, mamífero. In: MANGANELLI, Giorgio. *Mamífero italiano*. Milano: Adelphi, 2007. p.131-150.
- [3] BÉLPOLITI, Marco. Società. In: BÉLPOLITI, Marco & CORTELESSA, Andrea (Curatori). *Riga*. Giorgio Manganelli. Milano, 2006, n.25, p.490-498.
- [4] BÉLPOLITI, Marco ; CORTELESSA, Andrea (Curatori). *Riga*. Giorgio Manganelli. Milano, 2006, n.25.
- [5] ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*; perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- [6] MANGANELLI, Giorgio. *Discorso dell'ombra e dello stemma o del lettore e dello scrittore considerati come dementi*. Milano: Rizzoli, 1982.
- [7] MANGANELLI, Giorgio. *La letteratura come menzogna*. 2.ed. Milano: Adelphi, 1985.
- [8] MANGANELLI, Giorgio. *Improvvisi per macchina da scrivere*. Milano: Leonardo, 1989.
- [9] MANGANELLI, Giorgio. *Lunario dell'orfano sannita*. Milano: Adelphi, 1991.
- [10] MANGANELLI, Giorgio. *Nuovo commento*. Milano: Adelphi, 1993.
- [11] MANGANELLI, Giorgio. *Hilarotragoedia*. 3.ed. Milano: Adelphi, 2001. (Trad. brasileira por Nilson Moulin. Rio de Janeiro: Imago, 1993.)
- [12] MANGANELLI, Giorgio. *La penombra mentale*; interviste e conversazioni 1965-1990. Roma: Editori Riuniti, 2001a.
- [13] MANGANELLI, Giorgio. *Mamífero italiano*. (A cura di Marco Belpoliti.) Milano: Adelphi, 2007.
- [14] STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais? In COSTA LIMA, Luiz. *A literatura e o leitor*; textos de estética da recepção. 2.ed.rev.ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p.119-171.

Autor

¹ **Claudemir Francisco ALVES, Prof. Dr.**
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS)
claudemir_alves@uol.com.br